

Actividade perceptiva e actividade fantasmática no Teste de Rorschach

O Rorschach: espaço de interacções(*)

NINA RAUSCH DE TRAUBENBERG(**)

A hipótese aqui proposta é a de que o Rorschach é um espaço de interacções entre a actividade perceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto conhecido e a realidade interna do objecto vivenciado: esta hipótese é correlativa daquela que diz que o Rorschach testa a presença da imagem do corpo integrado.

Esta hipótese do Rorschach como espaço de interacções impôs-se essencialmente através da experiência clínica e dos trabalhos de investigação sobre o Rorschach em psicopatologia infantil, trabalhos descritos na obra publicada em 1977 *Le Rorschach en Clinique infantile* (Rausch de Traubenberg e Boizou, 1977).

Foi mais exactamente o estudo do funcionamento psíquico das crianças psicóticas e pré-psicóticas «borderline» que nos permitiu ver claramente, no trabalho, o jogo das interacções entre a vida fantasmática e a actividade perceptiva. Foi igualmente esse

tipo de experiência que constituiu o ponto de partida dos trabalhos de Meyer e Caruth (1970).

Sabemos, com efeito, que este grupo clínico dos «borderline» se particulariza pela invasão intensa de uma fantasmática de nível primário mas que há, face a essa invasão, um esforço por se manter ao nível da realidade objectiva, por pouco que o mundo exterior para isso contribua— ou, por outras palavras, a intensidade das experiências fantasmáticas não impede uma restauração rápida e nunca há total perda de controlo; o quadro perceptivo e conceptual mantém-se investido ainda que seja frágil. A partir deste exemplo singularmente demonstrativo, retrabalhámos o Rorschach de 260 crianças, 3 grupos de crianças normais dos 4 aos 10 anos e 8 subgrupos clínicos. Procedemos à separação dos tipos de interacção em aspectos perceptivos e aspectos temáticos, dando-nos assim conta do teor do fantasmático, da força do Eu e do modo de resolução do conflito. Este estudo mostra ainda os dois papéis possíveis do fantasma, o papel perturbador, que é evidente, e o papel organizador que é também frequente. Com efeito, a intensidade do fantasma provoca, na criança e no adolescente, uma elevada actividade de mentalização, uma mobiliza-

(*) Comunicação ao X Congresso Internacional de Rorschach, Washington, Setembro de 1981, publicada em *Psychologie Française*, t. 28-2. Junho 1983.

(**) Professora na Universidade René Descartes (Paris V) e Directora do Groupe de Recherche en Psychologie Projective, U. E. R., Institut de Psychologie.

ção máxima dos recursos que está próxima do fulgor criador, o que nem sempre é sinal de maturidade, mesmo quando a experiência passa por cenas em G K H/A. Este fulgor pode sugerir um conflito muito importante entre a exigência pulsional e as forças defensivas do Eu: podemos também perguntar-nos se esta espécie de hiperfuncionamento provocado pelo fantasma não é fruto de uma grande exigência do Ideal do Eu.

Convém lembrar que o manuseamento dos estímulos Rorschach na criança é diferente da que se verifica no adulto; porque *a necessidade de expressão supera a realidade objectiva*, o estímulo é integrado no mundo subjectivo e traduzido em termos de vivência pessoal. O subjectivo inflecte a apreensão perceptiva do estímulo, utiliza o espaço e as características exteriores, às quais imprime vida e animação. Mas o subjectivo, o individual, está estreitamente ligado à dinâmica do desenvolvimento, e é tanto mais visível quanto os referenciais do desenvolvimento são instáveis, o que se verifica nas alterações psicopatológicas graves: a pressão fantasmática torna-se então mais manifesta. O manuseamento dos estímulos é ainda diferente devido ao *apelo do espacial* no estímulo, apelo que acompanha a necessidade da criança se construir, logo de organizar o espaço em relação com o seu próprio corpo, de se situar neste espaço e dele se diferenciar.

MODELO TEÓRICO DE INTERPRETAÇÃO PARA O RORSCHACH

Na criança

As reflexões em torno das interações empíricas verificadas nas produções da criança permitem-me propor, como modelo teórico de interpretação do Rorschach infantil, *um modelo em termos de interferências entre actividade perceptiva e actividade fantasmática. Este modelo demonstra a especificidade da resposta Rorschach na*

criança, para quem o espaço perceptivo tanto é realidade objectiva como realidade subjectiva, possibilidade de edificação do corpo e possibilidade de estabelecimento da relação, ou, noutros termos, projecção do corpo e projecção da problemática.

No adolescente e no adulto

A dupla referência aos perceptos e aos fantasmas permite definir um nível de funcionamento psíquico. Este pode, num segundo tempo, ser relacionado com uma dimensão psicodiagnóstica. O interesse e a riqueza do Rorschach residem no facto de as actividades perceptivas e as actividades fantasmáticas não terem, inicialmente, uma realidade distinta no processo da resposta, antes *estão conjuntamente comprometidas no jogo que forja as respostas dadas ao teste*: era deste jogo que falava Daniel Lagache (1957) quando definia a resposta Rorschach como uma «conduta imaginante» e não como uma conduta perceptual. Verifica-se, neste jogo, o esforço de se delimitar, de se situar como passivo ou activo, agredido ou agressor, face ao mundo externo dos objectos que tanto é o mundo dos outros como o seu próprio mundo. O processo das respostas assenta nesta capacidade de diferenciação entre si e o outro através do reconhecimento da sua unidade e dos seus limites: noutros termos, numa percepção, numa apreensão bem delimitada dos perceptos — GD Dd (W D Dd) — e na escolha precisa, decantada dos determinantes, dos modos de expressão a partir de imagens com conteúdos bem definidos. É aqui que nos confrontamos com uma das hipóteses principais, de acordo com a qual o Rorschach testa a presença de uma imagem do corpo no sentido mais lato do termo, de todo o corpo: trata-se do corpo conhecido e do *corpo vivenciado* e não apenas do esquema corporal.

As duas actividades funcionais, cujas interações sublinho, foram, de facto e durante

muito tempo, tratadas separadamente: conhecemos a oposição, por vezes violenta, entre os defensores dos dados formais, dos factores ditos estruturais, e os defensores dos dados temáticos e das dimensões qualitativas. Sabemos do peso atribuído à elaboração perceptiva e às suas diferentes alterações, bem como sabemos da significação dita «patológica» de certos determinantes ou factores. Sabemos, também, da dificuldade de validar, em termos nosográficos, os índices formais clássicos, ditos «estruturais». Foi o que conduziu numerosos clínicos e investigadores a utilizar preferencialmente os aspectos dos conteúdos, da temática no sentido lato deste termo. É preciso reconhecer que não é razoável procurar validar os aspectos temáticos isolados, ao passo que é do maior interesse *combinar os aspectos formais e temáticos* quer para uma compreensão do modo de funcionamento psíquico próprio do sujeito, quer para aclarar as linhas de força com valor psicodiagnóstico.

Recordo, sucintamente, as tentativas feitas por certos clínicos no sentido da investigação das relações entre os aspectos perceptivo-conceptuais e os aspectos temáticos, fantasmáticos. A primeira deveu-se a Zulliger (1932), que ensaiou uma correspondência entre estádios do desenvolvimento libidinal e modos de apreensão perceptiva. (Posição oral sobretudo nos G, posição anal sobretudo nos Dd, posição agressiva do Dbl). Outros trabalhos, mais sistemáticos e mais experimentais, prosseguiram o mesmo objectivo — citarei aqui apenas os trabalhos de Bower *et al.* (1960) e de Meyer, M. e Caruth, E. (1970), e os artigos franceses de Morali Daninos (1970) e de Pfeiffer (1957). No entanto, a elaboração mais coerente e mais satisfatória quanto às relações destes dois componentes foi, certamente, a de Roy Schafer (1954), cujo contributo é crucial para o clínico, já que nos fornece, por um lado, o quadro teórico, e, por outro, a meto-

dologia, que permitem investigar uma significação, tanto estrutural como sintomática, do modo de integração da experiência, da expressão do conflito e da activação dos mecanismos de defesa. Presto aqui uma homenagem muito especial a Schafer, cuja reflexão sobre o conjunto da situação Rorschach utilizou os diferentes dados do estímulo e demonstrou assim a riqueza extraordinária e constantemente criadora da obra de H. Rorschach.

Em termos mais clássicos, podemos dizer que percepto e fantasma correspondem à oposição de duas «faculdades» ou de duas funções. Podemos caracterizá-los como sendo dois objectos de investigações, específicos da psicologia genética, por um lado, e da psicanálise, por outro. Podemos prosseguir precisando que o objecto da psicanálise é o fantasma, e que o da psicologia é a conduta, ainda que, face ao Rorschach, seja impossível manter esta separação, de resto muito artificial. Percepto e fantasma são, sobretudo, os ângulos segundo os quais podemos abordar o trabalho dos protocolos de Rorschach: é assim que se situa o meu próprio trabalho em relação aos estudos da percepção na perspectiva genética (Dworetzki, Beizmann, Hemmendinger, Werner) e em relação aos estudos da temática, em termos de fantasmas, isto é, em termos psicanalíticos (Baer, Schafer, Holt). Mas é precisamente a interacção das duas actividades que é decisiva quanto à significação do processo da resposta Rorschach, da sua significação em termos psicopatológicos.

O RORSCHACH: ESPAÇO OU SISTEMA DE INTERACÇÕES

A experiência clínica em psicopatologia infantil e em psicopatologia do adulto constitui a base prática da minha formação em Rorschach, mas foi o ensino e a formação de psicólogos clínicos que me levou a repensar a significação da situação Rorschach, a

reformular (para o explicitar) o processo da resposta, e a redefinir os valores significativos dos diferentes factores que compõem a prova.

A riqueza desta prova é tal que provoca, muito naturalmente, novas elaborações na medida em que nenhum quadro restritivo nos foi dado pelo seu autor, e que, pelo contrário, múltiplas aberturas a explorar são propostas nessa obra. O poder criador de Rorschach foi tal que uma leitura atenta desse texto permite assinalar as premissas de vários desenvolvimentos surgidos ao longo destes sessenta anos. Foi neste espírito que tentei repensar o investimento, a situação relacional, a significação latente e simbólica dos estímulos e os valores, muitas vezes multidimensionais, dos factores do teste, sobretudo dos determinantes. Não posso aqui entrar no pormenor das minhas análises inspiradas na teoria fenomenológica, bem como na teoria psicanalítica, análises que frequentemente questionaram o dogmatismo de certas afirmações clássicas sobre o valor dos factores do teste. Parece-me importante afirmar, muito explicitamente, que os continuadores de Rorschach rigidificaram muitas vezes as posições do autor e, neste sentido, retiraram à prova o seu valor essencial de *espaço de interacções*.

A primeira interacção, excluída a relação sujeito-psicólogo, está já inscrita na proposta do autor no sentido de codificar a resposta segundo três critérios. Este esforço de ordenar o material é um plano e não um fim em si, e salienta «o jogo recíproco dos factores» (Rorschach, 1947, p. 40), jogo decisivo na medida em que só ele permite a síntese dos dados.

O Rorschach é um verdadeiro espaço de interacções:

— Pelas características objectivas do estímulo estruturado mas ambíguo, construído mas não concluído, total mas alterado, cheio e vazio.

— Pela sua dimensão simbólica que se enraíza na articulação das suas características.

— Pelas instruções dadas, que reenviam do perceptivo para o imaginário.

— Pelos componentes das respostas, quer as consideremos em si próprias, quer no seu desenrolar e no respectivo contexto. Os factores e os seus componentes não têm valor unívoco; com efeito, esta varia em função da sobredeterminação fantasmática e do valor defensivo, o que assinala a presença constante de uma interacção ou, melhor, de uma acção conjunta de actividades perceptivas e de actividades fantasmáticas, exprimindo estas duas formas de actividade a dupla relação com o mundo externo e com o mundo interno.

— Por fim, o Rorschach é um espaço de interacções pelo processo da resposta, que remodela uma realidade externa em função das necessidades e das fantasias internas. Há uma fusão de interacções variadas e móveis num produto que depende da liberdade que o sujeito se outorga, da angústia que tolera e das necessidades actuais da realização.

Hermann Rorschach afirmou resolutamente a importância existencial da interacção. Com efeito, propor uma simbolização tripartida das respostas é reduzir a uma só fórmula *o espaço, a maneira de o viver e de situar o lugar do seu desejo*, é reconhecer essa exigência, inerente ao ser humano, de dar um sentido a todo o espaço demasiado vazio ou demasiado preenchido.

Dar um sentido é lançar nos devaneios, as visões, os fantasmas, é também referenciar-se a uma realidade objectiva que, faça-se o que se fizer, rapidamente é singularizada, quando não sempre subjectiva.

Descodificar este sentido é encontrar a parte respeitante ao percebido e ao fantasmaticizado, ao real e ao imaginário, nas múltiplas interacções regidas pela necessidade de representação de si.

RESUMO

A autora distingue os tipos de interações entre aspectos perceptivos e aspectos temáticos da resposta Rorschach. Propõe-se um modelo de interpretação em termos de interferências entre actividades perceptivas e fantasmáticas; o qual reflecte a especificidade da resposta Rorschach na criança. Para esta, o espaço perceptivo tanto é realidade objectiva como realidade subjectiva, possibilidade de edificação do corpo e possibilidade de edificação da relação. O fantasma pode desempenhar um papel perturbador ou, pelo contrário, regulador da actividade cognitiva e perceptiva. Não há realmente oposição entre percepto e fantasma, mas interacção de duas actividades que asseguram a convergência entre o conhecimento do objecto real e o conhecimento do vivido.

RÉSUMÉ

L'auteur dégage des types d'interactions entre aspects perceptifs et aspects thématiques de la réponse Rorschach. Un modèle d'interprétation en termes d'interférences entre activités perceptives et fantasmatiques est proposé; il rend compte de la spécificité de la réponse Rorschach chez l'enfant. Pour celui-ci l'espace perceptif est autant réalité objective que réalité subjective, possibilité d'édifications du corps et possibilité d'édification de la relation. Le fantasme peut jouer un rôle perturbateur ou au contraire régulateur de l'activité cognitive et perceptive. Il n'y a pas réellement opposition entre percept et fantasme mais interaction de deux activités assurant la convergence entre la connaissance de l'objet réel et la connaissance du vécu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAER, A (1950) — «Le test de Rorschach interprété du point de vue analytique», *Revue Française de Psychanalyse*, 14, pp. 455-503.
- BEISMANN, C. (1961) — *Le Rorschach chez l'enfant de 3 à 10 ans — étude clinique et génétique de la perception enfantine*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 295 pp.
- BOWER, P. A., TESTIN, R. e ROBERTS, A. (1960) — «Rorschach diagnosis by systematic combining of content, thought process and determinant scales», *Genetic Psychology Monographs*, 62, pp. 105-183.
- DWORETZKI, G. (1939) — «Le test de Rorschach et l'évolution de la perception», *Archives de Psychologie*, 27, pp. 234-396.
- HEMMENDINGER, L. (1960) — «Developmental Theory and the Rorschach method» in M. A. RICKERS-OVSIANKINA (eds.), *Rorschach Psychology*, Wiley, Nova Iorque, 483 pp.
- HOLT, R. R., e HAVEL, J. (1960) — «A method for assessing primary and secondary process in the Rorschach» in M. A. RICKERS-OVSIANKINA (eds.), *Rorschach Psychology*, Wiley, Nova Iorque, 483 pp.
- MEYER, M. M., e CARUTH, E. (1970) — «Rorschach indices of Ego processes» in KLOPPER e col. (ed.) *Developments in the Rorschach Technique*, t. III, Harcourt Bruce Jovanovich, Nova Iorque, 446 pp.
- LAGACHE, D. (1957) — «La rêverie imaginative, conduite adaptative au test de Rorschach», *Bulletin du Groupement Français du Rorschach*, 9, pp. 1-11.
- PFEIFER, E. (1959) — «Essai de réduction des données de test de Rorschach en un symbole représentatif», *Bulletin du Groupement Française du Rorschach*, 11, pp. 33-41.
- RAUSCH de TRAUBENBERG, N. e BOIZOU, M. F. (1977) — *Le Rorschach en clinique infantile*, Dunod, Paris, 350 pp.
- RAUSCH de TRAUBENBERG, N. e BOIZOU, M. F. (1978) — «Interférences entre activité perceptive et activité fantasmatique dans les Rorschachs d'enfants», *Psychologie Française*, 23, pp. 127-140.
- RORSCHACH, H. (1953) — *Psychodiagnostic*, 4.^a ed., Presses Universitaires de France, Paris, 372 pp.
- SCHAFER, R. (1954) — *Psychodiagnostic Interpretation in Rorschach Testing*, Grune and Stratton, Nova Iorque, 446 pp.
- WERNER, H. (1948) — *Comparative Psychology of mental Development*, Follett, Chicago, 564 pp.
- ZULLIGER, H. (1932) — «Die Bedeutung des Rorschachschen Formdeutversuchs für den Pädagogen», *Berner Schulblatt*.



INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

Torne-se leitor da Biblioteca do ISPA

(Rua Jardim do Tabaco, n.º 44, 1100 Lisboa, Telef. 86 31 84/5/6)

Últimas publicações periódicas recebidas:

- **ACTES DE LA RECHERCHE EN SCIENCES SOCIALES** — N.º 56, Mars 1985
- **AUTREMENT** — N.º 69, Avr. 1985
- **BULLETIN DE PSYCHOLOGIE** — N.º 370, Mars-Juin 1985
- **COGNITION** — Vol. 18 (1-3), Dec. 1984
- **DEVELOPMENTAL PSYCHOLOGY** — Vol. 20 (6), Nov. 1984
- **EUROPEAN JOURNAL OF SOCIAL PSYCHOLOGY** — Vol. 15 (1), Jan.-Mar. 1985
- **INFANCIA Y APRENDIZAGE** — N.º 29, 1985
- **JOURNAL OF ABNORMAL PSYCHOLOGY** — Vol. 93 (4), Nov. 1984
- **JOURNAL OF EDUCATIONAL PSYCHOLOGY** — Vol. 76 (6), Dec. 1984
- **JOURNAL OF OCCUPATIONAL PSYCHOLOGY** — Vol. 6 (2), Apr. 1985
- **JOURNAL OF PERSONALITY AND SOCIAL PSYCHOLOGY** — Vol. 47 (6), Dec. 1984
- **PSYCHIATRIE DE L'ENFANT** — Vol. 27 (2), 1984
- **PSYCHOLOGICAL ABSTRACTS** — Vol. 71 (12), Dec. 1984
- **REVUE FRANÇAISE DE PSYCHANALYSE** — Tome 48 (6), Nov.-Dec. 1984
- **REVUE INTERNATIONALE DU TRAVAIL** — Vol. 123 (6), 1984.
- **SOCIOLOGIE DU TRAVAIL** — 1/1985, Jan.-Fev.-Mar.
- **LE TRAVAIL HUMAIN** — Vol. 47, Fasc. 4/1984

HORÁRIO: Das 9 às 21 horas